



Apreensão e significação em “Funes, o Memorioso”, de Jorge Luís Borges

Eliane Pereira*

Resumo: A partir das noções de apreensão, significação, *stase* e estetização desenvolvidas pela semiótica da Escola de Paris, e valendo-se de algumas elaborações teóricas próprias da fenomenologia, notadamente as de Husserl, empreende-se neste artigo a análise do conto *Funes, o memorioso*, de Jorge Luís Borges. Esse texto foi escolhido como objeto de análise não por outro motivo senão o fato de nos apresentar a fascinante e assombrosa figura de seu protagonista, Irineu Funes, cuja percepção o permite tudo perceber e cuja memória o permite de tudo se lembrar. Sujeito de percepção sobre-humana e memória prodigiosa, Funes instaura a expectativa de ser aquele que de tudo *sabe*. Porém, o que nos parece ser o aspecto mais inquietante desse conto, originalmente publicado em 1942, e suscitou o desenvolvimento da análise ora apresentada, é o fato de essa excepcional percepção do mundo por Funes e sua acumulação enciclopédica de informações, ao invés de torná-lo um gênio, fazer com que *o memorioso* paralise-se diante dos fenômenos que o cercam, renegue a linguagem, feneça e morra. Desse modo, por meio da abordagem semiótica de seu percurso narrativo, dispensando maior atenção ao modo de apreensão que Funes estabelece com o mundo discursivizado, busca-se melhor compreender qual é a natureza do liame entre apreensão e significação e também entre memória e linguagem.

Palavras-chave: “Funes, o memorioso”, Jorge Luís Borges, apreensão, significação, estetização, fenomenologia

Introdução

O texto que constitui o objeto de análise do presente artigo foi escolhido não por outro motivo senão o fato de nos apresentar a fascinante e assombrosa figura de Irineu Funes, o memorioso. Fascinar-se e assombrar-se, duas atividades próprias do sujeito apassivado em parada da continuação, relacionando-se também ao modo de apreensão que Funes estabelece com o mundo discursivizado: a apreensão estética. Sujeito que de tudo se lembra e, portanto, teoricamente, na visada semiótica, tudo apreende e tudo significa, ele é o personagem principal

desse conto cujo acontecimento central é um diálogo. A conversa ocorre em 1887, num quarto escuro e úmido, no vilarejo sul-americano de Fray Bentos. Nela, Funes revela ao narrador o infalível, implacável e inquebrantável funcionamento de sua memória, transformada a partir do momento em que ele cai de um cavalo e se torna paralítico:

Disse-me que, antes daquela tarde em que o azulego o derrubou, fora o que são todos os cristãos: um cego, um surdo, um abobado, um desmemoriado. [...] Dezenove anos havia vivido como quem sonha: olhava sem ver,

* Universidade de São Paulo. Endereço para correspondência: elianrev@gmail.com

ouvia sem ouvir, esquecia-se de tudo, de quase tudo. Ao cair, perdeu o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase intolerável de tão rico e nítido, e também as lembranças mais antigas e triviais. Pouco depois constatou que estava aleijado. O fato mal o afetou. Discutiu (sentiu) que a imobilidade era um preço mínimo. Agora sua percepção e sua memória eram infalíveis (Borges, 1975, p. 114).

Nesse diálogo, o narrador serve de contraponto humano ao conhecimento sobre-humano e enciclopédico que Funes detém e continuamente acumula sobre o mundo, o que o leva a ser apontado como um “precursor dos super-homens” (Borges, 1975, p. 110). Enquanto el memorioso desafia a capacidade humana de percepção da realidade a partir da sua percepção, acumulando informações que chegam ao limite do intolerável, em termos sensíveis (e armazenando absolutamente todas elas), o narrador, por sua vez, esquece-se, engana-se, tenta se apoiar em sua memória que, por ser tipicamente humana, às vezes o escapa, fazendo-o recordar do diálogo com Funes da seguinte maneira:

1. “Recordo (creio) ...”

Recordo-o (não tenho direito de pronunciar esse verbo sagrado, somente um homem na Terra teve esse direito e esse homem morreu) com um escuro livro da paixão nas mãos, vendo-o como ninguém o viu, embora o avistasse do crepúsculo do dia até o da noite, toda uma vida. Recordo-o de rosto taciturno e indiático e singularmente distante, por trás do cigarro. Recordo (creio) suas mãos afiladas de trançador (Borges, 1975, p. 109).

No seu primeiro encontro com Funes, em 1884, o narrador passeava a cavalo em Fray Bentos junto de seu primo, Bernardo Haedo. Eles voltavam da estância São Francisco quando encontram Funes e o primo lhe pergunta as horas: “Que horas são Irineu?” Sem consultar o céu, sem deter-se, o outro respondeu: ‘Faltam quatro minutos para as oito, jovem Bernardo João Francisco.’” (Borges, 1975, p. 110). Nos anos

seguintes, o narrador fica afastado de Fray Bentos e veraneia em Montevidéu, retornando ao povoado em 1887. Ao perguntar pelo “cronométrico Funes”, informam-lhe que este havia sido derrubado por um cavalo na estância de São Francisco e que ficara paralítico, sem esperança.

O narrador, então, comenta que à época emprendia um estudo metódico de latim: “Minha valise incluía o *De viris illustribus* de Lhomond, o *Thesaurus* de Quicherat, os comentários de Júlio César e um volume ímpar de *Naturalis historia* de Plínio” (Borges, 1975, p. 111-112). Conta também que “tudo isso se propala no pequeno povoado” (Borges, 1975, p. 112) de Fray Bentos e logo Funes lhe escreve uma carta requerendo o empréstimo de algum dos volumes “acompanhado de um dicionário para a clara inteligência do texto original”, porque ainda desconhecia o latim” (Borges, 1975, p. 112). A ideia de que o árduo latim poderia ser compreendido apenas com o auxílio de um dicionário espanta e diverte o narrador que, “para desenganá-lo completamente” (Borges, 1975, p. 112), envia a Funes o *Grand ad Parnassum*, de Quicherat, e a obra de Plínio.

Tempos depois, o narrador recebe um telegrama que o chama a Buenos Aires por causa do adoecimento de seu pai. Ao arrumar a mala para a viagem, ele percebe, porém, que Funes não havia lhe devolvido os volumes emprestados. Com a intenção de resgatá-los, dirige-se à casa de el memorioso. É lá que ocorre o diálogo com Funes, passagem central da narrativa, como já nos adverte o narrador: “Chego, agora, ao ponto mais difícil de minha narrativa. Esta (bom é que já saiba o leitor) não tem outro argumento que esse diálogo de há meio século” (Borges, 1975, p. 114). O encontro entre os dois conta com um pequeno preâmbulo ocorrido no pátio que dá acesso à peça onde se encontra Funes, no catre:

Ouvi logo a alta e zombeteira voz de Irineu. Essa voz falava em latim; essa voz (que vinha da treva) articulava com moroso deleite um discurso ou prece ou encantação. Ressoaram as sílabas romanas no pátio de terra; meu temor as acreditava indecifráveis, intermináveis; depois, no demorado diálogo daquela noite, soube que formavam o primeiro parágrafo do vigésimo quarto

capítulo do livro sétimo da *Naturalis historia*. A matéria desse capítulo é a memória; as últimas palavras foram *ut nihil non iisdem verbis redderetur auditu*.¹ (Borges, 1975, p. 113).

A noção de memória é algo pouco, ou melhor, não diretamente abordado e manipulado pela teoria semiótica. De fato, o termo não ocupa posição central nos modelos e teorias elaborados pela Escola de Paris (como a assumida pelos termos sujeito, objeto, ator, actante, figura, modalidade, programa, discurso etc.), tampouco constitui uma entrada no *Dicionário de Semiótica* de Greimas e Courtés. Desse modo, na ausência de uma definição formal para “memória”, a qual goze de estatuto semiótico, resta-nos proceder às definições acessórias, depreendidas, derivadas e inferidas a partir da definição de outros termos, esses sim em primeiro plano epistemológico. Isso se mostra possível visto que “memória” é uma noção forçosamente subsumida em conceitos semióticos mais centrais e abrangentes na teoria, como o de percurso gerativo de sentido, o de programa narrativo e o de fazer missivo, que trabalham com uma lógica acumulativa de sucessão de elementos.

O percurso gerativo de sentido, por seu papel fulcral na análise da narrativa facultada pelo paradigma greimasiano, é tomado aqui como a noção de dimensão mais ampla entre as três. Composto por níveis estratificados de enriquecimento progressivo, nele, talvez, a ideia de acumulação seja mais saliente do que a de memorização de eventos, mas foi a primeira noção a que nossa intuição nos levou ao tentar rastrear a que conceitos semióticos se encontra aderida a concepção de memória. Destaca-se o caráter acumulativo do percurso visto que os níveis fundamental, narrativo e discursivo se encontram imbricados em dados textuais de qualquer natureza (verbais, gestuais, pictóricos etc.) a que tenhamos acesso. É apenas na análise que se revela o princípio de acumulação de tais níveis em lógica sucessiva, tendo sua cronologia sincopada pelo discurso.

Tal síncope parece ser desfeita nos programas narrativos, em que a cronologia dos eventos é então estendida em um eixo temporal e, “à la Propp”, uma manipulação é sucedida por uma ação, que é sucedida,

por sua vez, por uma sanção; ou, “à la Zilberberg”, algo que nos escapa por completo é depois apreendido e, finalmente, compreendido (em um típico programa de liquidação da falta). Desse modo, nos programas narrativos, tanto a acumulação como a memorização dos eventos são pertinentes, pois o sentido é construído por meio da sucessão de acontecimentos que devem ser memorizados até que a narrativa se complete. Em relação à questão, Zilberberg (2006, p. 130), ao retomar “a fórmula fulgurante de Bachelard: ‘o depois explica o antes’” a fim de semiotizá-la, afirma que “todo pensamento em seu curso retoma a cadeia das pressuposições que o ordena” (Zilberberg, 2006, p. 130).

O autor parte de tais apontamentos para introduzir a noção do fazer missivo, o terceiro e último conceito semiótico a que recorreremos para depreender informações sobre o papel da memória nos modelos semióticos. Entende-se que a noção de memória também se encontra subsumida no conceito de missividade, enquanto função composta pelos funtivos remissivo e emissivo, visto que “o fazer missivo discretiza o tempo” (Zilberberg, 2006, p. 135), permitindo à semiótica “domesticar” esse tempo. Assim, o remissivo e o emissivo se encontram na seguinte relação; “o tempo emissivo se move, oscila... começa quando o tempo remissivo se extenua e acaba” (Zilberberg, 2006, p. 135). O fazer emissivo está ligado ao ardor, ao arroubo, à continuidade, à extensidade, à duração e à apreensão do percurso. Em oposição, o fazer remissivo se refere à inibição, à parada, à intensidade e à stase.

Conceito caro à análise ora proposta, a stase a que Zilberberg (2006) se refere avizinha-se à noção de apreensão estética em Greimas (2002, p. 33-34), que implica a imobilização momentânea do sujeito frente ao objeto estético no momento em que se dá a ruptura e a visão “ordinária” se torna “extraordinária”. Para Zilberberg (2006), a estetização “pode ser abordada como a ativação do objeto e passivação do sujeito – transformações acessíveis no efeito de sentido ‘emoção estética’” (Zilberberg, 2006, p. 145). Ela constitui uma prática significativa que funciona em concorrência à etização. Defendemos aqui que Funes é um sujeito da stase, da apreensão estética, da parada da continuação, do assombro, e que sua prática significativa em relação ao mundo é estetizante.

¹ Para que tudo o que for ouvido seja representado pelas mesmas palavras.

Vejamos como isso pode ser apreendido a partir de trechos do conto.

2. O cão das três e catorze

Podemos começar a observar o modo de apreensão do mundo por Funes pelo seguinte excerto:

Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer do 30 de abril de 1882 e podia compará-las na lembrança com as listras de um livro espanhol encadernado que vira somente uma vez e com as linhas da espuma que um remo sulcou no rio Negro na véspera da Batalha do Quebracho. Essas lembranças não eram simples; cada imagem visual estava ligada a sensações musculares, térmicas, etc. [...] Uma circunferência num quadro-negro, um triângulo retângulo, um losango, são formas que podemos intuir plenamente; o mesmo acontecia a Irineu com as tumultuosas crinas de um potro, com uma ponta de gado numa coxilha, com o fogo irisante e com a inumerável cinza, com os muitos rostos de um morto num demorado velório (Borges, 1975, p. 115).

Identificamos aqui, primeiramente, um sujeito cuja aguda percepção do mundo procede recortes sobre o dado sensível que inexistem para um ser humano comum, pois este os enxerga como um contínuo. Em decorrência disso, a linguagem se torna, para Funes, obsoleta: ambígua, imprecisa e insuficiente para dizer o mundo que ele percebe. Essa não coincidência entre a categorização realizada pela percepção de Funes e a categorização realizada pela linguagem sobre o “contínuum amorfo” do mundo, se usarmos o termo de Hjelmslev (2006), será discutida mais detidamente a seguir.

É importante observar que, malgrado seja ele um sujeito que percebe e recorta seu objeto, não alocamos Funes na dêixis distensiva do quadrado da cognição proposto por Zilberberg (2006, p. 162), não o consideramos um sujeito ativo em relação a seu objeto e não o associamos à compreensão ou apreensão. Funes não é sujeito da conjunção com o saber, o que o alocaria na continuação. Em vez disso, ele é sujeito da

não-conjunção. Isso se dá porque a sua percepção estridente solapa a capacidade humana de estabelecer relações de significação com o mundo, levando-o, por sua intermitência, a um estado vertiginoso de sujeito apassivado diante de seus objetos. Funes os percebe, mas não consegue dizê-los. Sendo assim, alocamos Funes na dêixis contensiva, na parada da continuação, de acordo com o quadrado semiótico em sua versão tensiva (ver figura 1):

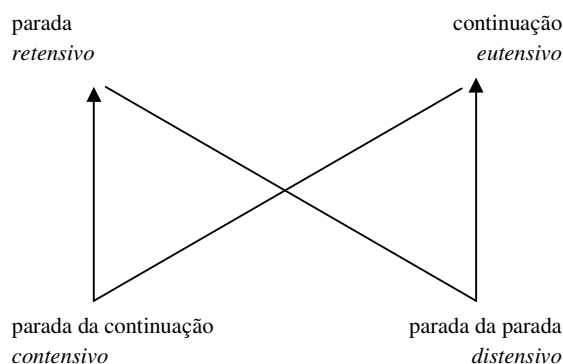


Figura 1 –Retirada de Zilberberg 2006, p. 161.

A sua passividade em relação aos objetos, enquanto condição do sujeito em espanto do fazer remissivo, da experiência pautada pela mediação do instante e pela transição imediata, é figurativizada já em sua condição de paralítico e discursivizada pela sua caracterização como “prisioneiro”, “imóvel” e “também imóvel”, como podemos observar no trecho:

Disseram-me que não se movia do catre, os olhos postos na figueira do fundo e numa teia de aranha [...] Observei-o duas vezes atrás da grade de ferro, que relembrava toscamente sua *condição de eterno prisioneiro*: uma, *imóvel*, com os olhos fechados; outra, *também imóvel*, absorto na contemplação de um oloroso galho de santonina (Borges, 1975, p. 111, grifo nosso).

O “espanto”, aqui, é empregado no sentido facultado pelo quadrado da cognição proposto por Zilberberg (ver figura 2):

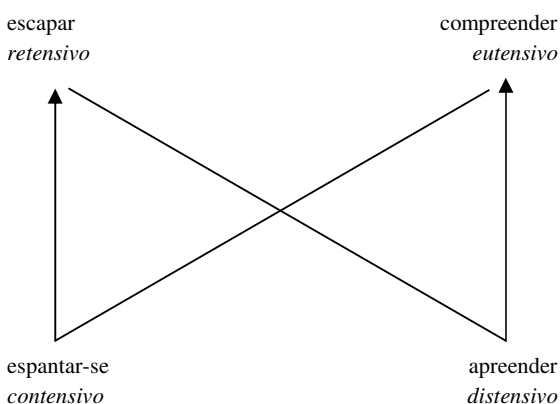


Figura 2 – Retirada de Zilberberg, 2006, p. 162.

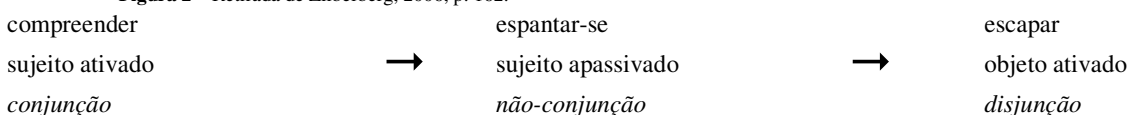


Figura 3 – Retirada de Zilberberg, 2006, p. 163.

Funes é considerado um “sujeito apassivado” em não conjunção, conforme o seguinte percurso tensivo (depreendido do quadrado da cognição) também provido por Zilberberg (ver figura 3):

Consideramos os objetos de Funes como estéticos com base no seguinte trecho: “Seu próprio rosto no espelho, suas próprias mãos, deslumbravam-no cada vez mais.” (Borges, 1975, p. 117). Essa é uma postura que Funes sustenta de modo geral em relação a todos os seus objetos. A articulação, portanto, de um sujeito imobilizado (ou apassivado, como demonstramos ser Funes) frente a um objeto que se caracteriza como estético constitui a estrutura actancial (à qual já se aderem os conteúdos tímicos) de uma apreensão estética. O caráter disfórico que esse modo de apreensão assume na narrativa se deve ao fato de que todo e qualquer objeto, na percepção de Funes, é um objeto estético. A disforia aderida ao modo de apreensão estabelecido por Funes em relação aos fenômenos que o cercam é explicitada já no nome do personagem: Funes, que, ao fazer alusão ao termo “fúnebre” (em espanhol, a palavra é homóloga, “fúnebre”), antecipa-nos o fato de que o dom da memória prodigiosa recebido por Funes ao cair do cavalo é também, de forma irremediável, uma sentença de morte.

Isso se dá porque a estetização do cotidiano, do banal, do trivial, do corriqueiro, enfim, de absolutamente tudo sem qualquer hierarquização, configura um estado disfórico em relação à condição humana e leva Funes a habitar um mundo “vertiginoso” e “abarrotado”, onde não há “senão pormenores, quase imediatos” (Borges, 1975, p. 118).

O termo escolhido por Borges para descrever a sensação que esse sujeito experimenta no mundo discursivizado é o sufocamento:

Babilônia, Londres e Nova York sufocavam com feroz esplendor a imaginação dos homens; ninguém, em suas torres populosas ou em suas avenidas urgentes, sentiu o calor e a pressão de uma realidade tão infatigável como a que dia e noite convergia sobre o infeliz Irineu, em seu pobre arrabalde sul-americano (Borges, 1975, p. 117).

O sufocamento, causado por uma oclusão espacial que incide sobre o sujeito, encontra-se em estreita relação com o fazer remissivo em que o sujeito se encontra engajado, visto que “toda remissão pode se configurar como cronopoiese, “implosão” em relação ao tempo e como fechamento quanto ao espaço” (Zilberberg, 2006, p. 137). Em última instância, é tal sufocamento que causa a morte de Funes: nosso herói morre em 1889 de uma congestão pulmonar.

Outro aspecto que se deseja analisar é o fato de que, para Funes, sujeito dotado de “percepção e memória infalíveis” (Borges, 1975, p. 114), a linguagem se torna algo obsoleto, impreciso, ambíguo, vago e insuficiente para dizer o mundo que ele percebe.

Isso é introduzido no conto por meio da seguinte passagem:

Locke, no século XVII, postulou (e reprovou) um idioma impossível no qual cada coisa individual, cada pedra, cada pássaro e cada ramo tivessem um nome próprio; Funes projetou certa vez um idioma análogo, mas o rejeitou por parecer-lhe demasiado geral, demasiado ambíguo (Borges, 1975, p. 116).

Se partirmos do princípio de homologia proposto por Hjelmslev (2006, p. 53-64) entre os dois fúntivos (expressão e conteúdo) que contraem a função semiótica, o descontentamento de Funes com a linguagem se dá pelo fato de que, ao tentar categorizar seu mundo por meio dela, ele se vê às voltas com uma função semiótica “disfuncional”. A homologia entre os planos foi rompida, visto que sobram conteúdos que não encontram expressão na língua:

Este (Funes), não esqueçamos, era quase incapaz de idéias gerais, platônicas. Não lhe custava compreender somente que o símbolo genérico cão abrangesse tantos indivíduos díspares de diversos tamanhos e diversa forma; aborrecia-o que o cão das três e catorze (visto de perfil) tivesse o mesmo nome que o cão das três e quinze (visto de frente) (Borges, 1975, p. 117).

3. A linguagem antes da linguagem

A dificuldade de Funes com a linguagem, porém, não se restringe à falta de correspondência entre conteúdos e expressões, mas estende-se a um princípio mais geral que rege o funcionamento da linguagem:

Tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, entretanto, que não era muito capaz de pensar. *Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair.* No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores,

quase imediatos (Borges, 1975, p. 118, grifo nosso).

A definição dada para o “pensamento” pelo texto de Borges se aproxima da definição formulada pela semiótica sobre o próprio funcionamento da linguagem. Entre o dado sensível do real, com o qual o sujeito entra em contato a partir de seus sentidos, e sua expressão linguageira ocorre uma transformação (que generaliza, abstrai e categoriza o real), como nos aponta Husserl:

A representação intuitiva sobre a qual se constitui o fenômeno físico de uma palavra subsume uma modificação fenomenológica essencial quando seu objeto assume o valor de uma expressão (Husserl, 1959, p. 10).

A volta da semiótica, ou *tournant sémiologique*, para os conceitos da fenomenologia e tese fenomenológica sobre a linguagem se mostra pertinente na análise de textos como “Funes, o memorioso”, onde se coloca em discussão as noções de apreensão do real e de significação (forçosamente posterior à apreensão do fenômeno, qualquer que seja ele), dadas pela linguagem.

O que a fenomenologia tem a ver com a linguagem consiste naquilo que está antes da linguagem, que ainda não é linguagem, mas a funda, o que permite falar: a experiência antepredicativa. Desse modo, na abordagem metodológica da fenomenologia, para compreender a linguagem é preciso sair dela.

Seria possível considerar, por exemplo, que Funes pôde ter a experiência antepredicativa do cão das três e catorze, visto de perfil, e a experiência do cão das três e quinze, visto de frente, mas que elas não chegaram a se tornar linguagem? Antes de responder à questão é preciso atentar para o fato de que, assumindo-se a experiência antepredicativa como o limiar inferior da linguagem, a percepção de Funes se dá já dentro de determinadas categorias linguageiras: cão, animal de pequeno a médio porte; três e quinze e três e catorze, ancoragens temporais que a linguagem permite realizar dentro de um período mais extenso, que seria o de um dia todo; e, finalmente, de perfil e de frente, recortes, ou categorizações, espaciais operados pela linguagem sobre o mundo.

Encontramo-nos, assim, em um campo onde a percepção disputa com a linguagem uma primazia: como ver sem nomear? É possível ver o que não está categorizado pela linguagem? Tais questões evidenciam a necessidade de se discutir o estatuto linguageiro da própria percepção, problema para o qual a semiótica e a fenomenologia ainda não encontraram solução.

O fato de que a palavra “cão” nomeie duas experiências distintas, desse modo, intrigando e suscitando a discordância de Funes, dá-se porque, de acordo com Husserl (1959), a significação é uma unidade na diversidade: é o momento ideal que a expressão busca. A linguagem tem a pretensão idealizante e universalizante de que, quando se pronuncie uma palavra (momento da expressão de acordo com a fenomenologia e domínio do significante na linguística), o conceito que venha à mente de todos seja o mesmo (significado).

Desse modo, falar é esquecer-se: esquecer-se das diferenças e das etapas que precedem o momento empírico da expressão (a saber: a experiência do objeto e sua significação). Como sabemos, Funes é um sujeito incapaz de se esquecer. Logo, é um sujeito incompatível com a própria linguagem. Os significados não lhe parecem precisos por abarcarem um número muito grande de “realidades” diferentes: mas esse é um princípio de funcionamento da própria linguagem, que une diferentes apreensões em uma única significação.

Conclusão

A análise ora realizada de Funes nos explicita que a dimensão humana da significação é dada pela apreensão do fenômeno. A noção de apreensão como medida da significação é defendida por Greimas (1973) já nas páginas iniciais de *Semântica Estrutural*, no momento em que estabelece sua primeira escolha epistemológica em relação à verificação da “onipresença da significação”. Esta poderia levar a semântica à posição desconfortável de ser confundida com uma teoria do conhecimento. Para evitar isso, Greimas (1973, p. 15) define que “os pressupostos epistemológicos da semântica devem ser tão pouco numerosos quanto possível” e se propõe a “considerar a percepção como o lugar não linguístico onde se situa apreensão da significação” (Greimas, 1973, p. 16).

Ao fazê-lo, Greimas nos lembra das bases fenomenológicas de sua semiótica (das quais a teoria se reaproxima ao conceber as ferramentas tensivas), notadamente a herança de Merleau-Ponty, discípulo de Husserl. Tentamos demonstrar com esta análise que o uso de alguns conceitos da fenomenologia, sobretudo de Husserl e Merleau-Ponty, talvez se mostrem produtivos para analisar o modo como o sujeito percebe o mundo discursivizado, constituído enquanto fenômeno, qualquer que seja a sua natureza, daí extraíndo uma significação.

O percurso de Funes também nos mostra que, para que o sujeito seja capaz de manipular a linguagem e circular em um mundo humano em que os sentidos (significações) são construídos exclusivamente através da linguagem, é preciso que sua memória o traia: que ele se esqueça e que seus sentidos, de alguma forma, o enganem. ■

Referências

- Borges, Jorge Luís
1975. Funes, o memorioso. In: *Ficções*. São Paulo: Círculo do Livro, p. 109-118.
- Greimas, Algirdas Julien
2002. *Da imperfeição*. Tradução de Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph
2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto.
- Greimas, Algirdas Julien
1973. *Semântica estrutural*. Tradução de Izidoro Blikstein e Haqira Osakabe. São Paulo: Cultrix.
- Hjelmslev, Louis
2006. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução de Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva.
- Husserl, Edmund
1959. *Recherches logiques II*. Paris: PUF.
- Zilberberg, Claude
2006. *Razão e poética do sentido*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Edusp.

Dados para indexação em língua estrangeira

Pereira, Eliane

Apprehension and signification in “Funes, the memorious”, by Jorge Luis Borges

Estudos Semióticos, vol. 8, n. 1 (2012), p. 91-98

ISSN 1980-4016

Abstract: *The text that constitutes the object of analysis of this article is Funes, the memorious, a short story originally published in 1942, by well-known argentine writer Jorge Luis Borges. It has been chosen due to the fascinating and astonishing figure of its protagonist, Ireneo Funes, subject whose perception and memory allow him to perceive and remember absolutely everything. However, the most striking feature of this short story, and also the aspect that motivated this study, is the fact that the prodigious perception and the amazing memory of Funes, despite any expectation, don't make him a genius. Instead, he becomes paralyzed by the phenomena that surround him, denies language and dies. According to notions developed by the Paris School of Semiotics such as apprehension, signification, stase and aesthetization, and some theoretical concepts provided by phenomenology, especially by Husserl, we examine this narrative focusing on how Funes apprehends and signifies the 'reality' around him. Moreover, as we approach this text using the tools offered by the Greimasian semiotic theory and keeping some Husserl's phenomenology notions in mind, we seek to discuss how a perception becomes language in order to better comprehend the nature of the bond between apprehension and signification and also between memory and language.*

Mots-clés: “Funes, the memorious”, Jorge Luis Borges, apprehension, signification, anesthetization, Phenomenology

Como citar este artigo

Pereira, Eliane. Apreensão e significação em “Funes, o memorioso”, de Jorge Luís Borges. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Editores responsáveis: Franciso E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 8, Número 1, São Paulo, junho de 2012, p. 91-98. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 28/11/2011

Data de sua aprovação: 05/05/2012
